



PROCESSO SELETIVO - UFPR LITORAL 2009

21/06/2009

Requisito: Ensino Médio

QUESTÃO DISCURSIVA 01

Leia o texto abaixo.

ESTOU GRÁVIDA DA MINHA NAMORADA

Munira Khalil El Ourra não vai dar à luz, mas é mãe de duas crianças que vão nascer até a primeira semana de maio. Quem está na 31ª semana de gestação é sua companheira, Adriana Tito Maciel. A barriga é de Adriana. Os óvulos fecundados que grudaram no útero dela pertenciam a Munira. Os bebês já têm nome: Eduardo e Ana Luísa. Serão paridos e amamentados por Adriana, de pele marrom e cabelo que nasce crespo. Mas terão a cara de Munira, branquinha e de cabelo liso.

Para a lei, mãe biológica é quem carrega a criança no ventre. Mas um exame de DNA mostraria o contrário. Nem Adriana nem Munira pretendem disputar na Justiça a guarda das crianças. O que elas querem é sair da maternidade juntas, com um documento que permita registrar as crianças no cartório com o sobrenome de cada uma e o nome das duas mães na certidão de nascimento. Como qualquer família normal.

O sonho de ter filhos era antigo para as moças de 20 e poucos anos que se conheceram em Carapicuíba, na região metropolitana de São Paulo. A decisão de namorar sério foi influenciada por esse interesse em comum. Em poucos meses, estavam dividindo um apartamento e fazendo planos. Algum tempo depois, Adriana descobriu no ginecologista que seu útero estava ameaçado por uma doença que já lhe tinha arrancado um ovário: a endometriose. "Fiz tratamento desde os 18 anos", diz Adriana. "Na época, achavam que era cólica menstrual e medicavam com morfina. Quando descobriram, já tinha perdido o ovário direito. E as dores continuavam." O médico disse a ela que uma gravidez reduziria o problema em 80% e ainda lhe daria a chance de ter um filho antes que o útero ficasse inválido.

Apesar do relacionamento ainda recente, Munira e Adriana aceitaram a ideia e procuraram um especialista em reprodução humana no Hospital Santa Joana para fazer a inseminação artificial. "A gente achava que iria comprar esperma, levar para casa e aplicar com uma seringa", diz Munira. Os planos mudaram quando o novo médico descobriu que Adriana só tinha metade do ovário esquerdo e já não podia engravidar com os próprios óvulos. Ele sugeriu que Munira cedesse os seus. Se usassem o sêmen de um homem de mesmos traços que Adriana, o filho seria parecido com as duas mães.

As duas moças se animaram com a possibilidade de ter um filho que tivesse um pouco de cada uma. Ainda hoje, Adriana se emociona ao contar essa parte da história. Tinha sido muito dolorido receber a notícia de que não poderia ter filhos do seu próprio sangue, e o gesto de Munira foi mais que bem-vindo. "Foi a maior prova de amor que ela poderia me dar."

Revista Época, 13 de março de 2009.

Escreva um texto, de 08 a 10 linhas, para ser enviado à seção de cartas da revista Época, posicionando-se a favor ou contra as estratégias utilizadas por Munira e Adriana, para conseguir engravidar e sentirem-se, ambas, biologicamente, mães de seus filhos. (Sua carta NÃO deve ser assinada.)

Limite mínimo

QUESTÃO DISCURSIVA 02

Observe a tira abaixo e explicite os efeitos de sentido produzidos por ela, num texto de 4 a 6 linhas.



Gazeta do Povo, 16 de maio de 2009.

Limite mínimo

QUESTÃO DISCURSIVA 03

Leia as informações a seguir:

- 1 – Curso: Gestão Ambiental
- 2 – Idade: 19 anos
- 3 – Fase em que está no curso: 2º ano
- 4 – Turno em que estuda: manhã
- 5 – Turno disponível para realização do estágio: tarde
- 6 – Tipo de estágio que procura: voluntário
- 7 – Disponibilidade para trabalho em campo

Utilizando as informações acima, escreva um anúncio, em 1ª pessoa do singular, de no máximo 5 linhas, para ser publicado na seção “classificados” de um jornal local, oferecendo-se para trabalhar como estagiário/a em uma empresa do setor ambiental da região litorânea do Paraná. (O anúncio NÃO deve ter o seu nome.)

QUESTÃO DISCURSIVA 04

Leia abaixo um fragmento da entrevista concedida pelo professor de psicologia, Nicholas DiFonzo, à revista Época, de 16 de maio de 2009.

ÉPOCA – Por que o senhor foi chamado pelos serviços secretos americanos para criar um boato contra Osama Bin Laden?

Nicholas DiFonzo – Isso aconteceu há alguns anos, quando fui pedir patrocínio para minhas pesquisas. Era frustrante para os serviços secretos ver Osama Bin Laden como líder popular nos países muçulmanos. Não porque ele mata pessoas, mas porque resiste aos Estados Unidos. A CIA e o FBI estavam tentando reduzir o poder de Bin Laden e uma das formas cogitadas foi por meio dos rumores. Então eles me perguntaram se eu poderia espalhar um rumor de que ele era cristão. Expliquei que isso não fazia sentido porque o boato precisa ser plausível para se acreditar nele. Se houvesse uma facção muçulmana que já falasse isso, talvez fosse mais fácil.

ÉPOCA – Afinal, o que é um rumor ou um boato?

DiFonzo - É um instinto natural do ser humano para tentar entender o mundo, eventos, pessoas, tudo o que possamos compreender. A compreensão é um desejo humano. As pessoas não gostam quando as coisas não estão claras e não fazem sentido. Elas gostam da ordem e das explicações para diferentes situações. O boato também é uma forma alternativa de informação. É uma maneira oficiosa de checar as informações oficiais. Isso acontece com os meios jornalísticos. Ao menos nos Estados Unidos, uma grande parte da população não dá crédito à mídia, então há espaço para os rumores circularem.

ÉPOCA – O boato nos traz conforto, à medida que ele explica situações?

DiFonzo - Exatamente. No livro, eu falo de uma tentativa de entender um acidente em que morreram cinco mulheres. Os pais precisavam ser confortados, e uma das maneiras de isso acontecer foi um boato de que alguém estava perseguindo essas mulheres. Se compreendermos as razões das coisas ruins, teremos conforto.

Escreva um texto de até 10 linhas, em discurso indireto, relatando a opinião do psicólogo Nicholas DiFonzo sobre “rumor” ou “boato” dada na entrevista.
